

PRA QUE DIABO FILOSOFIA?

(papo filosófico a favor de uma filosofiativa)

por RUBEN G NUNES *

A praia filosófica

Natal, RN, esquinhão do Brasil. Praia de Ponta Negra, alongando-se em curva lânguida diante do Atlântico. A praia mais sensual desse nordeste amigo. No contorno, avançando para o mar, o inconfundível Morro do Careca, vegetação rala, verde pálida, contra o verde azul do mar. E, desde lá do alto, como um vaginão aberto esperando a vida, aquele rasgão imenso feito de areia de duna, se derramando encosta abaixo, até encontrar a praia e o lambar das ondas marulhando. Apertei os olhos. Sol forte. Foquei o fenômeno vindo-a-ser no meu visual. O fenômeno tinha uma cor branco-papel e caminhava ao lado de uma morena bem magra, longos cabelos voando, ancas largas, curtíssimo biquíni. Chamava atenção, o contraste de cor, forma, leveza e conteúdo, entre ambos. O fenômeno era uma figura mais para alta. Passava espalhando cores. Usava óculos escuros com grandes aros verdes, bermudão vermelho pelas canelas, camisa esporte amarelo intenso, manga comprida semi-enrolada, boné multicolor, aba virada para trás prendendo o cabelo louro, tenis marron na mão esquerda, um toalhão amarelo e uma câmera pendurados no ombro. Kit-turista-praia completo. Tudo mui prático e não sutil. Um turista americano em Ponta Negra, só podia ser. Um exemplar ianque pragmático ou neoprasmático, sem dúvida. *Rorty or not Rorty? That's the unreally question.* Passopassando firme, corpo duro, pesado, altivo, um certo orgulho. O orgulho do dólar. Figura estranha, toda vestida naquele sol, naquela praia de gente quase despida. Transmitia no passo, no movimento, nos gestos e nos penduricalhos, uma objetividade invasiva, gerencial, mecânica, sem calor humano. *Objetividade sem sujeito.* Mas dotada de forte presença autoritária – que leva a um respeito temeroso as pessoas simples. Uma anomalia, um ser esdrúxulo, esquisito, *des-sujeitado*, um arogasboga, como dizem por aqui, por esse nordeste acolhedor. *Cadê o sujeito?*

Desfoquei.

A Filosofia também parecia com aquele americano. Um conhecimento exótico, estranhíssimo, desfilando nas praias das Universidades e da História. Inalcançável, abstruso, insociável, absoluto, presunçoso. *Insubjetivo.* Ninguém sabe direito o que é, para que serve, a quem serve, mas destila autoridade conceitual e, às mais das vezes, um certo autoritarismo intelectual – por isso, ela, a Filosofia, é ainda bastante temida. O temor do desconhecido. Ponha uma pitada de filosofia num curso qualquer e ele adquire uma aura teórica de qualidade acadêmica. Mesmo que ninguém saiba pra que serve e os alunos, em geral, a achem uma chatice. Por causa disso, a Filosofia atual busca ser mais objetiva, mais pragmática. Com isso, se torna tão objetiva, tão objetiva, que, ironicamente, já não cabe mais na prática objetiva de ser humano. *Ser humano!*, esse ente imenso como o mar, esse ser feito de razão errante e inesperada, como o vôo de gaiotas.

Mas, pra que diabos serve a filosofia?

tm. americano pelo menos serve pra trocar dólar, pra se treinar ingles, e pra ser assaltado. Ou, em outra perspectiva, também serve para assaltar gentes, países. Quer dizer: serve pra manter a hegemonia do *big stik*, essa política globalizada do grande assalto democrata do planeta, através de instituições legalizadas, sob pressão da grana ou da força. Para além, portanto, do que Maquiavel, um especialista da força e da astúcia absolutista, poderia supor. Mas que funciona, essa política, isso funciona, e a todo vapor, democrático, pragmático e neo-prasmático. Quer dizer: *para todos*: quer se queira quer não se queira. Vide a Doutrina Monroe e seus *remakes* atuais.

Mas, e a Filosofia, pra que danado serve?

Há variadíssimas opiniões, e mui polêmicas, entre os filósofos famosos da História. Também entre nós, os atuais, os filósofos de carteirinha profissional, não há consenso.

Sofhia: o saber pelo saber e a dupla alienação de Dona Theoria

Alguns atribuem à Filosofia a "nobre e pura" tarefa de manter no Homem a sublime e vetusta chama da "*amizade pela sabedoria*". Tradição que vem lá da Hélade. Uma espécie de "ligação" amorosa, delirante, desinteressada e ingênua com as "verdades eternas", com o *saber-verdade-em-si-mesmo, imutável e perene*. Tal tarefa de paquerar as 'verdades eternas' e de encontrá-las de uma vez para sempre, só pode ter um caminho único e desinfetado das impurezas desse mundo cão: a via purificada, aristocrática e clássica do pensamento. *Verdades eternas e o puro pensamento*. Assepsia total. Algo como um puro charuto cubano ou um puro e genuíno uísque escocês? Nada disso. Essas coisas são coisas. A tal verdade eterna e pura é algo como uma fumaça sem movimento, algo fora daqui, sem vida. *Transcendental*. Uma virtualidade pré-informática. Algo imisturável com esse mundo iconoclasta de suores, lágrimas e gemidos de gozo. *Transcendental*. *O ser é, o não-ser não é*. E pronto. Parmênides rola solto, deliberadamente ou não. Ou, então, em embalagem mais modernosa de fim de noite, como dizia Tim Maia, antes de morrer, nos seus últimos shows, com aquela profunda voz e olhos de viagem: 'tudo é tudo, nada é nada'. Nobre tarefa, pois, essa dos 'amigos da sabedoria' em buscar a natureza essencial da verdade, seja lá onde ela estiver. Mesmo que seja num barzinho de fim de século. A bem da verdade contingente, diga-se que desde a imagem de *O Banquete* de Platão, a dinâmica e o cenário de busca dessa sabedoria tem sido quase sempre movida a generosos radicais étlicos e bons acepipes. Uma espécie de *hobby erudito* de conversação de fim-de-semana. Tarefa própria da classsuda classe ociosa. Um orfismo crônico. Aqui, o transcendental e o aristocrático se tocam como *umpas de deux*. Por isso também, dizem que Filosofia não serve pra nada, que é coisa ou de chatos ou de desocupados. Ou as duas coisas.

De qualquer modo, essa ação desinteressada, esse *banquete*, entre os 'amigos da sabedoria', que já perdura por mais de 2500 anos, tem produzido refinados "*espantos e abstrações categoriais*" importantérrimos para a cultura ocidental. Por exemplo, a reflexão sobre os significados de *liberdade, justiça, ética, razão, número*, e da própria *linguagem*, entre outros. Esses conceitos teóricos nos seus vários significados ideais ou ideológicos têm, historicamente, servido de fundamento justificador a ações sociais e políticas modificadoras do curso da história. Como, por exemplo, a Revolução Francesa.

Essa ânsia da prática, i.é, da aplicação efetiva da teoria, já se manifesta em Platão e Aristóteles, em Kant e Hegel. Eles foram educadores e assessores políticos efetivos e, nessas atividades, buscavam aplicar suas concepções. Mesmo assim, há filósofos de carteirinha que não admitem esse acasalamento entre teoria e prática. Outro dia, numa conferência de filósofos de carteirinha um deles empertigou-se e confirmou, em alto e bom som amplificado, que a Filosofia não tem nada a ver com a prática cotidiana de viver, que é pura teoria, da legítima, da grega, e pronto. Me veio a imagem de uma velha senhora grega, a *Dona Theoria*, tossindo, míope, com um cachecol metafísico enrolado no pescoço, devota da séria e racional *Palas Atenas*. Mas, cá entre nós, *Dona Theoria*, por hábito cultural, *ethos*, também era chegada aos delírios de *Baco*. E, até dava seus pulinhos práticos e marotos, lá na Grécia Clássica, nos inferninhos dos mistérios orfeicos, gritando, dançando, *evoé!, evoé!*, junto com ninfas e naiades, ao som da flauta de *Pan*. Entre Apolo e Dionísio, *Dona Theoria* conjurava todos os demônios ativos e passivos, teóricos e práticos, buscando nos mitos, no físico, no metafísico e na vida da *pólis*, sua *eudaimonia*. No começo, *Dona Theoria* ensaiava os primeiros passos filosóficos, com a dança dialética, cantando alegremente o *Panta Rei* de Heráclito. Barato logo cortado, primeiro por Parmênides, depois por Aristóteles, que implantou a Lei do Antifaseos (não-contradição) na praia filosófica. Lei ainda em pleno vigor, base fundamental da *filosofia anal* (analítica). Atualmente, nessa chamada pós-modernidade de nós todos, *Dona Theoria*, aposentada, entocada e, cénica e assumidamente, *anal-analítica*, nem se preocupa mais com o dilema maior de sua juventude: ser ou não-ser teórica ou prática. Agora ela virou *transversal e virtual* - que são estados hipermetafísicos, complexos, meio catalépticos, meio dialéticos, uma espécie de protoplasma ruminante da pasmaceira informatizada, ou 'internetalizada', como diz, com meus respeitos, meu colega de carteirinha de filósofo Ghirdelli. *Virtualizada e transversalizada*, a filosofia se apresenta, agora, como um jogo de razão e des-razão, Tom & Jerry acadêmicos, pokemóns da reflexão, cada um aprontando para o indefectível outro. Ela, a Filosofia, se apresenta agora como uma grande fantasia racional.

Mas, já não era isso a filosofia antes?

Já não era, a filosofia, uma remasteurização racional de idéias, sentires e mistérios dos antigos mitos e cantos épicos? Mitos e cantos que com uma forte dose de fantasia e tragédia falavam da alma, do corpo e dos feitos de deuses, semideuses e homens. *Olimpo e polis*. Panorama, diga-se, que sempre tornou a praia filosófica uma *multi-con-fusão* fantástica de contextos, *ethos* e *mores*, insuperáveis. A impessoalidade e a virtualidade, invasora, determinante e fantasiosa da *vídeoconsciência* ou da *netconsciência*, de certo modo, já não se manifestava, embrionariamente, nos mistérios e ritos dos *oráculos e pitonisas*?

O que de novo há, parece-me, é que fica mais claro ser a filosofia, inegavelmente, um conhecimento *multiformal*. Como o cerne de uma árvore antiga que, durante todo o tempo, se automarca e auto-expõe as *multiformas* processivas de seu próprio desenvolvimento.

Ela, a filosofia, é um conhecimento não só aquém (fundamento, base) e além (sentido, significado) do próprio conhecimento, mas também se atarefa e manifesta na faceta da mediação desse além e aquém. Como também, se atarefa e manifesta numa quase-razão que paira na superfície do profundo, na banalização de si mesma, nos feixes de conhecimentos *verticais, horizontais, transversais, de bandinha, ad latere, and so, and so*. A totalidade filosófica assemelha-se, como já dito, ao cerne de uma árvore antiga, cheia de delineamentos, derivações, cruzamentos, cortes, des-alinhamentos, *multidimensionais*, que se formam, a partir de suas múltiplas raízes, no processo histórico de seu desenvolvimento. A *multidimensionalidade de formas* da filosofia, pois, não é só *histórica* – é, também, *cérnica, orgânica*. Nos meandros dessa *multiformalidade cérnica* da Filosofia, o perigo é o filósofo de carteirinha perder-se ou enredar-se numa dessas fases, esferas, momentos, formas processivas. E nisso, nesse entretanto, ali estacionar, acreditando estar agarrado com a verdade verdadeira, fixada, da moda, de momento, sem fazer vibrar, amplamente, a *vida da filosofia*: seu *fio cérnico secular*, cuja ponta nós, os atuais, temos a responsa de segurar e desenvolver. Daí que, agora, nos meandros da pós-modernidade, histericamente picotando os pontos de seu fio cérnico, como um tricot às avessas, *Dona Theoria*, só contempla o mundo, pela TV - TV paga, diga-se – e pela Internet. Recobrando, assim, seu histórico fio cérnico, por um novo fio de cultura, discérnico, fantasioso, artificialmente netimaginativo, artificialmente net-inteligente, pautado numa pré-configuração programática e nos picos de audiência e venda. Alienação interativa e culturalesca. Coisa fina e *in*. O resto, leva o carimbo de ultrapassado. Entrementes, e por todas essas alienações e alucinações fabricadas, *Dona Theoria* também é vidrada na novela das oito da TV popular. Povo e elite, teoria e prática, transversalidade e virtualidade, razão, desrazão e quaserazão. O vírus da contradição *rides again and again and again*, apesar da lei de Aristóteles (não-contradição) e de seu *remake* transcendental no cartório teórico de Kant. *A dupla alienação da teoria*.

O saber *transcendental* e a *alienação do puro*

Outros estudiosos dizem que Filosofia serve pra quase tudo, um santo remédio, uma ciência da ciência, i.é, está além da ciência, dos tempos, e dos espaços - *algo transcendental*, como um comercial de TV, como uma imagem virtual. Dentre os transcendentais, há os que usam o relógio com obsessiva precisão temporal, como Immanuel A Priori Kant. Dizem que lá onde morava, Königsberg, Alemanha, acertavam as horas quando ele passava.

Kant também buscava obsessivamente a possibilidade da *verdade de razão* produzir conhecimento puro. Ora, a razão natural (*Vernunft*) dos homens era escorregadia, cheia de antinomias, ambígua, *dialética*. Para verdade pura, conhecimento puro, só com uma maior precisão da razão. *Só com uma razão pura*. É preciso, portanto, depurar a razão dessas antinomias absurdas e indesejadas que renegam e atrapalham a verdade pura. Kant, inventa então o cronômetro de precisão transcendental da razão pura, o *entendimento (Verstand)*, cujos eixos de precisão são, basicamente, o *princípio de não-contradição* e o de *causalidade*. *Eixos do baú aristotélico*. Só com essa razão depurada se pode conhecer algo sobre esse mundo cão e pião que habitamos. Aqui, no novo mundo transcendental do entendimento kantiano, tudo tem a *priori* sua causa rigorosa e nada pode estar em contradição, consigo mesmo e entre si. Só assim, se pode construir um conhecimento batuta. Zona de alta precisão formal anal-analítica, mas também com uma larga dose de complexidade e misterios abstrusos, é esse *talentendimento* de Kant.

Por sua maravilhosa ambiguidade – prefiro dizer *plasticidade, multiformidade* - que produz absurdamente *antinomias*, a razão natural é condenada. Assim, a razão natural é obrigada a se autolimitar. Um autolimitar que se chamou de *entendimento*, e que se presume seja a razão natural enrolada, como um casulo, num manto depurador que a isole de si mesma - i.é, de suas indesejadas contradições naturais - e a torne a *razão pura*. Imagino o que essa reflexão kantiana tem a ver com a mania formal de Kant de atazanar seu *valet de chambre* para que sua roupa de cama fosse rigorosamente preparada. Ele só conseguia dormir completamente enrolado, como um casulo, sem nenhuma ponta de seu cobertor de fora ou mal arrumado.

A *razão pura*, ou *depurada*, enrolada em suas *categorias depuradoras a priori*, formata o objeto do conhecimento como ele se apresenta, como ele aparece imediatamente a essa formatação. Daí que só é possível conhecer, *com precisão*, o fenômeno, o externo, o que aparece. O noumeno, o interno, nas suas raízes essenciais, é um tabú inapreensível pelas categorias formais de *tempo e espaço* em que vivemos enclausurados.

O *entendimento*, a razão purificada, funciona como um cartório, com toda aquela complicação exasperante de burocracias crônicas, processos, registros, categorias e juízos aplicados aos fenômenos do mundo. Como o 1º Ofício de Notas, o *entendimento* funciona registrando e reconhecendo a firma das 12 categorias válidas pelas e com as quais Kant afirma que o *pensamento pensa puro* e faz funcionar a *razão pura*, i.é, faz funcionar sua relação com o mundo - e daí extrair *conhecimentos puros*. Uma espécie de grande arquivo que predetermina os lugares, tempos e modos de todas as coisas. Fora desse arquivamento altamente formalizador, o conhecimento é prevaricação dialética, sujeito a processos, protestos, multas e à maldição eterna da metafísica do *ser* parmenídeo e aristotélico.

O relógio puro, a razão pura, esse o *transcendentalismo formal* que, como um casulo, como um cobertor sem brechas na noite fria da vida fenomenal, Kant propõe como tarefa pura da chamada filosofia pura. Talvez pela escravidão a esse purismo perfeccionista, a essa catalogação cartorial do conhecimento, Nietzsche tenha dito que a filosofia de Kant era a filosofia do funcionário público, a *décadence* do pensamento alemão, sem espaços para a imaginação. "Kant idiotizou-se...", critica Nietzsche no *Anti-Cristo. A alienação do puro*.

Mas, esse *algo transcendental* da Filosofia, também abarca uma outra perspectiva de pureza. São os os transcendentais místicos. Turma boa essa. Ligadona. Ligação direta com o *ápeiron*, o *indeterminado*, pelo sentimento, pela intuição. Ser-intra-ser-ultra-Ser. Uma espécie de experiência interior, indescritível, inexcédível, incomunicável - que começa com o avêso do avêso do avêso de si e prossegue num ultra-além que está sempre além do além de todos os aléns. Essa experiência mística é ativada ou por uma *fidei caeca*, ou por alguma *pedrinha filosofal* da pesada, ou por eróticos *toques energéticos*, e, dependendo da seita, vale um "*barato*" qualquer. O que importa é chegar lá, noêxtase de Dionísio, ou na paz contemplacionista de Meister Eckhart. Curiosamente, a verdade mística se aproxima da poética imagem hegeliana da verdade dialética: "O verdadeiro - diz Hegel - é transe, delírio báquico, no qual todo o membro está embriagado; e como ele dissolve em si, imediatamente, cada um de seus integrantes que dele procura escapar, ele é também o repouso simples e transparente.". Mas é, claro, essa imagem da *hegeldialética* possui somente uma pseudo-semelhança com a misticidade como tal: o *delírio báquico*. Até porque a linguagem hegeliana também embriaga e faz delirar. A dialética de matriz hegeliana, grosso modo, é exteriorização, desenvolvimento, progressão, superação-reconciliação qualitativa *necessária* de quantidades contraditórias articuladas num todo orgânico, através do *trabalho do negativo*. (Não confundir com a noção kantiana de dialética ou mesmo com a noção platônica de dialética, nas quais o trabalho do negativo é eliminar e não superar-reconciliar contradições). Por isso a *hegeldialética* é movimento transformador racional que inclui o momento, o instante, o repouso, *acontemplationis*, como uma particularidade tão somente *mediatizadora* dessa totalidade dinâmica.

Mas, voltemos à chamada filosofia mística. Apesar do seu estímulo a um passivismo, a filosofia mística, possivelmente, possa dar uma resposta de paz interior individual, tão necessária nesse mundo conturbado. Por isso, tal filosofia tem certamente seu valor indubitável. Há, porém, duas questões também indubitáveis. *Primeiro*, sua experiência é pessoal, indizível, não-comunicável, daí ela poder resvalar para o individualismo vazio, para o puro egoísmo, para a *alienação de si em si*, e, até, para mistificações fatais (vide a seita Moon e aquela outra seita do suicídio em massa, numa das antigas Guianas). *Segundo*, o Homem não é só interior, é também - e, *ao mesmo tempo!* - exterior. Produz seu exterior. É ser de relação: *com-o-outro-como-ele*, e com a *natureza*. Sendo o próprio homem *natureza também*, feito e trabalhado de carne-do-mundo, *carne física e social*. Sendo, pois, o Homem, processo histórico de autotrabalho e de desenvolvimento autoconsciente das *identidades e alteridades*, das quais participa, produz e transforma. Exemplos: a natureza, o conhecimento, a educação, o Estado. *Identidades e alteridades* cujo ritmo contraditório de concreções orgânicas de suas *diferenças* dão o próprio ritmo de racionalidade especificamente humana à realidade. *Concreções das diferenças*, i.é, crescimento conjuntado de indivíduos e partes se autodeterminando, não formalmente, nem mecânicamente, mas *orgânicamente*. Perceba, amigo, que nessa linha reflexiva estamos, no

fundo, no fundo, falando de *liberdade, de liberdades, do encontro dos multi-impulsos das liberdades*, se resolvendo no próprio ritmo social de suas diferenças, reconciliações e manutenção de equilíbrios.

Por isso, não pode ser, a filosofia, tão só pura contemplação individualista, longe do mundo, isolada em si, eremita misterioso construindo para si *muros psíquicos*. Por isso, ao lado da *pax interna*, o Homem só pode avançar com maior plenitude buscando também uma paz exterior, a *pax pólis*, através da catarse de seus impulsos interiores de liberdade com a liberdade do outro, *com a atividade política*. Uma e outra fazem emergir do *pensar que pensa o pensar*, i.é, da atividade filosófica, sua profunda e imanente tarefa de permanente guia de instalação racional do homem no mundo. *Tarefa supina da filosofia. Tarefa, aliás, essencialmente educativa*. Estou falando de algo concreto e efetivo chamado *produção da consciência*.

E, aqui, é preciso que nos levantemos!

É preciso que se diga em alto e bom som, por sobre as varandas das casas de veraneio da praia filosófica, onde se brinca de filosofar nas redes dos alpendres e nas redes eletrônicas - que todo o *pensar que pensa o pensar, toda a filosofia*, ao re-fundar, re-criar ou desenvolver *conceitos*, re-ativa não só a matéria do saber, da *ciência*; **mas a re-ativa como matéria do saber que se sabe**, i.é, produz e re-ativa **consciências**.

A “ coruja de Minerva somente ao cair da tarde levanta vôo.”, assinala Hegel na sua *Filosofia do Direito, Prefácio* - vôo que não é tão somente um vôo conceitual do saber, mas também o vôo maduro da consciência. A esse nível não se tem tão somente simples relação formal, causal, entre sujeito-objeto, produzindo conhecimento, saber, ciência. A esse nível desdobra-se a complexa relação entre sujeito-objeto-sujeitos, produzindo *um saber que se sabe, ciência com consciência*, como quer Edgar Morin – *saber essencialmente humano*.

Visão e guia, pois, de horizontes *humanizadores*, o vôo da consciência é o preenchimento enriquecedor da filosofia, a tarefa verdadeiramente ‘de ponta’ do filosofar. É, aqui, que a inteligência humana se afasta infinitamente da inteligência artificial, à qual por mais avançada que seja depende na sua base de uma programação *racional humana*. “o período da pós-modernidade – reflete Saviani em *Educação e questões da atualidade* – substitui a frase de Descartes “penso, logo sou, por esta outra “eu digito, então eu existo””. E acrescenta: “A operação de digitação expressa o processo de informatização que transfere para operações mecânicas aquilo que antes era situado como uma atividade do pensamento. Mas o que a ideologia pós-capitalista, a ideologia da pós-modernidade mascara, esconde, é justamente o fato de que todo esse processo é produto da própria mente humana, é produto da própria ação dos homens na História.”.

As filosofias que têm a coragem de ousar navegar nos horizontes longínguos da consciência, desse “oceano sem margens” que é a filosofia, como diz Hegel – essas, sim, podem se considerar como autênticas ‘filosofias de ponta’. São filosofias que acrescentam *algo a mais* à pura razão intelectual, algo realmente útil e efetivo para o *ser, o conhecer, o agir e o con-viver* humanos – algo que nos diferencia da máquina mais inteligente: *a danada da consciência!*

Nessa linha, como exemplo básico próximo a nós, situam-se marcadamente Marx e Gramsci, entre outros, cuja substância teórica se lastra na assunção crítica da marcha da consciência da *hegeldialética*.

Ainda nessa linha, na praia filosófica brasileira, como filósofo verdadeiramente educador, assinalo a abordagem reflexiva de Saviani que avança ‘claramente... se fundamentando em Marx, sem fazer disso algo como uma fé religiosa nesse autor, mas procurando apoiar-se racionalmente no referencial de Marx, daquilo que é necessário para analisar e compreender os problemas de nossa atualidade...’, como bem apreende a profa. Betty A. de Oliveira, no seu texto ‘Fundamentação Marxista do Pensamento de Dermeval Saviani’, in ‘Dermeval Saviani e a Educação Brasileira – o Simpósio de Marília’, Cortez Editora, SP, 1994.

A abordagem reflexiva de Saviani, diga-se, não se restringe aos textos, mas também se ativa numa ação educativa *filosoficamente estimuladora*, que se apresenta segura, precisa, metódica e profunda conhecedora do tema básico e dos temas de apoio e de fundamentação. Suas ricas digressões tanto buscam raízes das teorias e conceitos na Filosofia, na Sociologia, na Psicologia, na Pedagogia, numa paciente reflexão articuladora, quanto buscam explicitar esse aprofundamento de teorias e conceitos na prática, no processo efetivo da Educação.

Numa palavra: *consciência e prática*.

Abordagem que justifica sua reconhecida importância qualitativa em pesquisa séria e elaboração teórica, na área da Educação não só brasileira, como também sulamericana. Saviani nos passa a idéia de que a escola é uma totalidade de determinações orgânicas em relação com outras totalidades também determinadas organicamente, portanto, um *mediador*, um *processo mediador* da educação, *desenvolvendo-se, organizando-se, determinadamente, na e pela ação dos sujeitos*. Quer dizer, se há sujeitos agentes da escola, estes não agem escolhendo indiscriminadamente as determinações que movem a escola – as determinações vêm de épocas e contextos anteriores e/ou dominantes, *elas são dadas*. E, *somente a consciência precisa sobre essas determinações dadas é que pode lastrear intervenções bem fundamentadas, transformando-as*. Esse pensamento que colho em Saviani evoca a intuição de Marx em *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* qual ele afirma que os 'homens fazem sua própria história, não a fazem, arbitrariamente, nas condições escolhidas por eles, mas nas condições diretamente dadas e herdadas do passado'. Cabe aos homens, então, a partir daí, *conscientemente transformá-las, fazendo sua própria história*.

Entretanto, é bem verdade, há as 'filosofias de ponta quebrada', filosofias que mergulham na reflexão analítica do saber, da ciência, e ali permanecem estagnadas ou deslumbradas, refuzando detalhes de detalhes, esforçando-se nas 'análises de ponta' – esquecendo-se de voltar do mergulho analítico e sintetizá-lo. E, com isso, perdendo a dimensão de um saber efetivo de maior abrangência e que inclui os necessários momentos analíticos - *a síntese dialética da consciência*

Nessa perspectiva, filosofia não é tão só a leveza ingênua de *amor ao saber*, mas vem a ser, no seu desenvolvimento, reconvergência "de amor ao saber para ser saber efetivo", como bem assinala Hegel.

A filosofia pura, da razão pura, ou do puro pragmatismo, como também a filosofia intimista do indivíduo puro, são, pode-se dizer, um sintoma de neurose obsessiva do transcendental. É a neurose do relógio e do cobertor kantianos. Dependendo da cultura, do nível de consciência e de sua articulação com o impuro cotidiano, essa *neurose do puro* às vezes dá samba, às vezes dá religião, às vezes dá belíssimas obras de arte e mesmo filosofias de peso (vide Kierkegaard, com relação ao puro indivíduo). Na sua fase aguda a *neurose do puro* dá egocentrismo, discriminação, intolerância, dogmatismo, dominação e denegação da consciência. A filosofia como *alienação do puro*.

"No princípio era o Verbo" ou a alienação do bar

De outra parte, há uma turma que jura que a Filosofia serve de fundamento para todo o conhecimento; ou seja, não está além não senhor, mas aquém, como um alicerce, como um princípio dos princípios, segurando pela base a barra conceitual da ciência. "*No princípio era o Verbo*", assim afirma o Gênesis. Diz ainda que o "verbo se fez carne". Ora, *verbum* significa *palavra*, em oposição a *res*, a *coisa*; e no contexto do Gênesis significa a instância prima significante e significadora do mundo.

Nessa perspectiva de filosofia como princípio dos princípios, é preciso admitir que Deus começou tudo isso que está aí, esse mundão todo - de certo modo, filosofando. E, se Deus é filósofo a questão inicial está resolvida. Filosofia serve pelo menos para criar o mundo.

Mas Filosofia, lembremos, também é incurável interrogação ociosa e curiosa. (Além do tédio dos excessos, o ócio tem uma face em que pulsa e faz estimular o desejo de liberdade e de conhecimento: *a curiosidade*). Assim, alguém pode querer continuar ociosa e curiosamente estas questões de princípios e fulminar: *Tudo bem! Mas pra que serve criar o mundo? Pra que serve*

Deus? Pra que serve o Homem?, and ao, and so, per omnia saecula saeculorum. Nesses casos de questões irrespondíveis ou circulares é óbvio que Filosofia só serve pra consumir cerveja. *A alienação do bar.*

Filosofia como a língua das línguas e a alienação do significado

Há, ainda, os que acham que a função da Filosofia é a análise da linguagem. Uma espécie de jôgo do avesso do avesso do avesso de signos e significados *ad infinitum*. Cada signo um novo mundo a descobrir no inesgotável mar da semiótica. O desvelamento analítico dos signos e suas relações formais. A Filosofia vira uma *streaker* misteriosa que nunca consegue tirar a última calcinha. Nesse grupo de filósofos há a tribo fechada e indecifrável dos lógicos. Senhores do método e da cabala simbólica. Primeiro abstraem-se do mundo. O mundo atrapalha. Depois do sujeito, esse significante prolixo, e de sua história. Em seguida, com o puro pensamento - já murcho, anêmico, sem vida, sem braços, sem pernas - eles extraem uns sinais cabalísticos, a forma puríssima do *logos*. Conectivos, funções, modos, modelos, etc. Daí, criam linguagens além das linguagens, *metalinguagens*, pra explicar as linguagens. Uma espécie de metafísica da *flatus vocis*, o coió do pensamento. Então, pacientemente, ficam lá embaralhando esses sinais misteriosos num quebra-cabeças sem fim. Os programas dos computadores devem muito a esses abnegados, cujo trabalho tem sido utilíssimo, reconheça-se, para a informática e a ciência em geral. Em contrapartida, é um trabalho cujo processo torna o conteúdo filosófico, um conteúdo de signos e modelos puros, sem mundo, sem sujeito, sem emoções. *A alienação do significado.*

O Apocalipse now: existir ou desistir; ou a des-alienação do absurdo

Ah, sim, há também o pessoal do *Apocalipse now*, os existencialistas. Esses dizem que o Homem é um existente prisioneiro de sua própria liberdade absoluta. E fora dessa liberdade existencial só há a morte infalível, que é uma outra espécie de liberdade absoluta, só que indesfrutável. O Homem escolhe, escolhe, escolhe, e no fim morre. O grande Nada é a porta escancarada em cada minuto. O Aqui e o Agora são o Portal do Nada. O *Insolúvel* em nós e fora de nós. Pensamos e existimos, inelutavelmente, inter-abismos: o abismo do infinito interior pulsando pensamentos dentro de cada um, o abismo da dramática finitude social que construímos, e o abismo desse infinito exterior nos abraçando numa malha de estrelas que 'tiritan a los lejos', como diz Neruda, e de vazios sem fim, ponteados de buracos negros, num espaço sem limites, que parece respirar e se torcer. Abismos da absurdidade existencial – *abismo psíquico, abismo social, abismo cósmico* – que não dão nenhuma satisfação ou sentido puro e definitivo a nós, os perguntadores profissionais. Há uma imprecisão, uma desfocagem, tão desnorteante nesse encontro de finitos e infinitos, que a filosofia só consegue realçar racionalmente. Por isso o tédio é o ópio dessa liberdade fatal do *aqui-agora* e do *depois*.

A insubstancialidade mágica do sem sentido.

Nessa visão, a Filosofia serve pra nos chamar atenção sobre essa angústia apocalíptica de escolhas em que vivemos. Dá tudo no mesmo, i.é, no Nada, no Insolúvel. *Ser ou não ser*, essa a terrível questão básica, posta pelo *logos*. Mas, *ser ou não-ser*, o quê, onde, quando? *Quo vadis homines*. Vale a pena ficar ansioso por essa insolubilidade inata - o nada fatal? Vale a pena viver esse absurdo?

Existir ou desistir?

Questões fundas e trágicas.

Desse ponto de vista existencial da filosofia, Camus inicia seu *Le Mythe de Sisyphe*, afirmando com paixão: "Só há um problema verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida, é responder à questão fundamental da filosofia.". E acrescenta que, isso de saber se o mundo tem tres dimensões, se a alma tem nove ou doze categorias, é coisa que vem depois. São simples jogos intelectuais sobre a vida. É desejável e possível viver neste absurdo que é a vida? Ou corta-se logo todos os absurdos com o suicídio, o escapismo, o nada insolúvel?, *that's the real question*, meus meninos, assevera Camus.

Nesses termos, a reflexão negativa do suicídio, a que se refere Camus, deve continuamente ser aplicada em todos os níveis de existência. Isto é, escolhida a vida - deve-se continuar questionando cada aspecto particular da Vida. Por exemplo: vale ou não a pena viver a vida do pensamento? vale ou não viver a vida da realidade? É claro que: viver só se refugiando no mundo do pensamento é *suicidar camusianamente a realidade*; por outro lado, viver só na realidade material do mundo é *suicidar camusianamente o pensamento*. Em consequência, viver só a realidade virtual da internet é *suicídio camusiano do pensamento e da realidade*.

Por esse viés, a questão filosófica parece até ficar mais interessante, mais rica, com mais sentido. O perigo é, nessa dialética existencial da escolha, a pessoa agir como o burrinho de Buridan: indeciso entre um monte de feno e uma tina d'água, morreu de sede e fome de tanto pensar *o que escolher*.

Nesse sentido é que, atizando mais lenha nesse fogaréu existencial, Camus faz ecoar seu grito filosófico de apaixonada vontade de vida: "Vivre, c'est faire vivre l'absurde"! Para mim, particularmente, esse é um dos momentos mais grandiosos e justificadores, não só da filosofia, mas do encontro do homem consigo mesmo, com sua liberdade, sua finitude, sua ânsia de infinito, suas produções, seus abismos. Momento que teve uma ousada antecipação nas palavras de Hegel: "Se a vida é inconcebível, então temos que forjar conceitos inconcebíveis". *A des-alienação do absurdo*.

A vacuidade do ecletismo

Mas, afinal, com tantas opiniões divergentes, qual é mesmo o objeto da Filosofia? Bom, em primeiro lugar, todas essas opiniões que saltam da História da Filosofia, e que expus de forma caricatural e desordenada, parecem possuir sérios e sólidos argumentos justificativos. Penso, até, que enriquece a Filosofia essa multitude de manifestações. *Essa multiformalidade histórica*. Na verdade, *há filosofias*, como bem diz Sartre. Ecletismo? Não, nada de ecletismo. O ecletismo não responde, nem dá conta dessa rica complexidade da praia filosófica. Mas, não é o ecletismo uma corrente que prega uma espécie de síntese metodológica, uma "democracia filosófica"? À primeira vista pode-se ingenuamente pensar assim. No duro, no duro, o ecletismo é uma indecisão conceitual que leva ao esquartejamento conceitual. O ecletismo pega o braço de um, a perna de outro, a cabeça de um terceiro, o coração de um quarto - e, nessa pegada, constrói um Frankstein, um monstro filosófico. Desfigura a Filosofia. No ecletismo não há um processo orgânico de relações do pensar, mas uma junção forçada, desengonçada, compartimentalizada - segundo interesses ou desinteresses vários. O ecletismo até pode ter um lado poético, como uma fantasia colorida. E nada mais do que isto. Mas, tem um lado seguramente devastador: a vacuidade conceitual. No final das contas embaralha e fragmenta tudo.

SER, CONHECER, AGIR: *as esferas objetivas da filosofia*

De qualquer modo, creio que num aspecto todos os filósofos e filosofias parecem concordar: Filosofia, na tradição ocidental, é um modo muito específico de "agarrar e conceituar" a vida pelo *pensamento se autopensando*. Quer dizer: um modo muito específico de *relação* entre o Pensamento e a Realidade. **Razão** entre Pensamento e Realidade. Tal *relação ou razão* do pensar se dinamiza e se articula por métodos próprios e expõe seus resultados *conceptivos* sob forma de linguagem própria. O pensamento filosófico, seja de que jaez for, interroga o pensar, sua natureza, seus conteúdos, suas formas – e os *processa conceitualmente*. É um pensar sobre o pensar. O quê das coisas. Mas, qual é esse quê? Que pensar pensa o pensamento?? Qual o conteúdo, sua natureza, características, modos, padrões, etc, desse pensar que pensa a vida *conceptivamente* em todas as suas esferas de manifestação??? Enfim, qual o *ser do pensamento*????

Em termos imediatos, pode-se dizer que o *pensar conceitual* do homem se objetiva, genericamente, sobre: *isto que está aí, aquilo que foi, isto que é, isto que está sendo, aquilo que vai ser*.

Ou seja: trata-se de **esferas objetivas** da **vida corrente** sendo penetradas **subjetivamente**. Trata-se do *viv(ente)* - e não só do ente -, e todas as *formas, relações e produções* deste *vivente*. Pode-se dizer, então, que as esferas objetivas da Filosofia se constituem natural e universalmente por um *fundamento* e por um *sentido* de ordem inequivocamente *vital*, de ordem do *vivente*. E, numa complexidade ainda maior: da ordem do *convivente*: *uma vez que todo vivente é convivente*.

Subjetividade e objetividade se plasmam, pois, no fazer filosófico do pensar, numa sincronia orgânica possibilitadora de vida. Com efeito, interrogar o **ser** do pensamento - que, na verdade, é um **vir-a-ser** - significa objetivar a tarefa conceitual de **o conhecer** e, assim, saber guiar **agir** desse pensamento e, por extensão, *guiar e fundamentar a aplicação prática desse agir na vida convivente*. Daí que o conhecer, o saber, assim processado não pode ser tão só *ciência*, mas se torna *autoconsciência individual e social*.

Ser é conhecer que é agir sabendo-se.

Note-se que essa configuração da Filosofia nos permite compreender a aparente colcha de retalhos em que se desenvolve o conhecimento filosófico. Quer dizer, permite compreender as diferentes e díspares interpretações da natureza da filosofia que se colhe na sua História. De fato, se você tomar **em separado** cada esfera objetiva pressuposta – **ser, conhecer, agir** – como a *filosofia*, você terá um panorama feudal na História, no ensino, na pesquisa e no desenvolvimento do saber filosófico. Uns considerando somente, ou mais enfaticamente, a esfera

doser (metafísica, ontologia). Outros, se concentrando na esfera do **conhecer** (epistemologia, gnoseologia). Terceiros, privilegiando a esfera do **agir** (ética, política, educação). *Feudos filosóficos*, com castelos, torres, muralhas, fossos, senhores e servos, cuja soberania fechada em si dificulta sobremaneira a ação educativa da filosofia.

Dizer, como disse Sartre, que *'há filosofias'*, além de ser uma compreensão intelectualmente saudável, é, sem dúvida, um fato histórico. Constatar, porém, que apesar dos avanços epistemológicos da modernidade, dos ruídos da pós-modernidade e dos arrancos da virtualidade informatizada, o que há, ainda, *são filosofias de feudos* – é de rasgar a carteirinha de filósofo. O conviver da Filosofia precisa sair do atoleiro feudal em que se encontra e buscar o convívio efetivo e estimulador das diferenças.

“Qual será o futuro da filosofia?”

No entanto, o que temos hoje, nesse final-início de milênio? Tédios fragmentados do pensamento filosófico espalhados pelos departamentos de filosofia das Universidades. Tédio da Lógica, tédio da Filosofia Clássica, tédio da Filosofia Analítica, tédio da Metafísica, tédio da Ética, tédio da Política, tédio da dialética. Aliás, sobre a dialética, não se trata bem de um tédio acadêmico, mas de um esquecimento e uma desleitura lamentáveis.

Suicídio camusiano em massa.

A Filosofia perdeu-se: tanto nos labirintos "puros" da mente, quanto nos labirintos "impuros" da realidade; sem falar nos labirintos obscuros da misticidade e das fantasias ficcionistas virtuais.

Mas, a Filosofia não só perdeu-se, autofragmentou-se também. Pensamento fragmentado=Homem fragmentado=Realidade fragmentada=Natureza fragmentada.

Na História do Homem, produzida pelo próprio Homem, pode-se colher, em linhas simples, o movimento efetivo de sua complexa vida, individual ou social, numa trilha de caminhada de tres direções alternadas: o Homem *sai-de-si, fica fora-de-si e retorna para si.*

São formas históricas, momentos concretizando-se, renovando-se.

Momentos do desenvolver-se da história humana nas tessituras efetivas do processo de vida comum.

Ou, de outro ângulo, momentos da história humana concretizando-se no desenvolver *corrente* das tensões articuladas de seu **SER**, seu **CONHECER**, de seu **AGIR**. Esta é a *entourage* pela qual o Homem ativa, reativa, converge, reconverge, seu Pensamento, sua Ação, na *afetivação da vida*.

Justo desse ângulo apreensor dos multimomentos de articulação orgânica de suas esferas objetivas, é que se pode melhor compreender a importância teórica e prática, matura e conceitual, da Filosofia – *em contribuir para a produção de uma ciência autoconsciente*. E, por extensão, compreender também a contribuição mediadora da Filosofia no desenvolvimento e conservação de níveis qualitativos de vida.

Certos teóricos, porém, se agarram a um só destes momentos como a um tacapeco filosófico, brandindo com ele a "verdade verdadeira", pura, impermeável, única. Esquarteja-se o pensar, o agir, o sujeito, o objeto e os objetivos. São as filosofias dos fragmentos, das migalhas. *A filosofia dos feudos*. A miserabilidade da desarticulação filosófica. Todo o resto ou é matéria filosófica impura, ou está ultrapassada, seja por causa do muro de Berlim, seja porque não está nos padrões de instrumentalidade do MEC, enfim, não é Filosofia, da boa, depurada, útil. A decantada "pureza" filosófica - no fundo verdadeira discriminação aristocrática - de "puro" mesmo só tem conseguido a "pura" *alienação do significado vital da Filosofia*. E, como tal, só tem contribuído para o lento suicídio camusiano da Filosofia.

Atualmente, entre os colegas filósofos de carteirinha, há uma certa preocupação com o futuro da filosofia, seja por conta dos programas transversais do MEC, seja porque a 'pureza virtual' da filosofia está sendo ameaçada pela 'pura virtualidade' da informática.

“Qual será o futuro da filosofia?”, é a questão com que me deparo no site de filosofia virtual do prof. Ghirdelli, da UNESP. Questão que o digno colega aborda com sua notória capacidade argumentativa e afiado ferramental pragmático. No texto, um esboço de uma nova definição de filosofia: “filosofia é mais criação de esperanças vagas e menos trabalho de solução de problemas ainda que no cotidiano ela nos pareça uma tarefa de solução de problemas”. E, acrescenta que não vê o “futuro da filosofia” como algo que possa ser enunciado sem que se pense na ‘www’ como uma máquina viva de ‘filosofia do futuro’.”.

Leio a “criação de esperanças vagas” do prof. Ghiraldelli, não como uma redução do pensar e conversar filosóficos a banalidades, como transparece a um olhar imediato. Leio as palavras do prof. Ghiraldelli num sentido ampliador do vôo filosófico. Num sentido de *criação de sonhos*. E, aí está a beleza do absurdo da vida de que fala Camus. O sonho, o sonhar, esse campo plástico de impulsos inconscientes e de desejos livres, é uma das forças vivas pelas quais o homem se arranca de sua animalidade irracional e desenvolve suas potencialidades complexas do espírito, entre as quais o pensar filosófico. E, nesse avêso, do avêso, do avêso, como diz mano Caetano, de seus sonhos e sentires, de seu pensamento, de seu cotidiano, da sua consciência, o homem está sim resolvendo sua absurdidade existencial. Não uma resolução definitiva, como nos problemas matemáticos simples, *mas uma resolução continuada de equilíbrio das diferenças e absurdos*.

.O pensamento humano pensa o mundo, pensa a si mesmo, cria pensares, cria mundos. No ritmo da vida criada e ritmando a vida criada, o pensamento humano repensando a si, recria pensares, se recria, recria mundos - *em si e para si*.

O homem inventou a roda. O homem continua inventando rodas. Mas a roda não é o homem. O homem procria e recria suas rodas, seus pensamentos e as rodas de seus pensamentos, incluindo aí a “www” do prof. Ghiraldelli.

Perguntar qual o futuro da filosofia, por conta da maravilhosa tecnologia informatizada, ou por conta de se perder, na virtualidade decorrente, o horizonte da vida como sujeito efetivo – é uma faceta ‘pós-milênio’ de tédio da razão e do suicídio camusiano da filosofia. A virtualidade internetalizada nos ‘faz sentir’, uma aparente *des-sujeitação ou objetificação do sujeito*, seja como mente, seja como corpo. E, também, nos ‘faz sentir’ diante de uma coisa viva que ‘sabe mais do que nós’. Há uma pseudo inversão sujeito-objeto. Nós nos tornamos um *netobjeto*, diante de um *netsujeito* virtual. Mas, a *netconsciência* é nossa e não da ‘www’. Esse é um absurdo, um inconcebível, que criamos e que passa a fazer parte do equilíbrio de nossas vidas. Um importante absurdo, sem dúvida. A partir desse deslumbramento, porém, concluir-se que o sujeito morreu, que a razão humana está morimbunda, and so, and so, não me parece só um equívoco teórico, mas também um paradoxal sintoma neopragmático de ânsia por uma hipermetafísica, por uma transcendência misteriosa, imperiosa, escapista, suicida – e, ‘às vezes apenas um alucinógeno’, como diz Ghiraldelli.

Levantemo-nos. A questão do futuro da filosofia não é uma pseudo questão. Para nós, filósofos de carteirinha, é uma questão atual e profissionalmente vital. Contudo é uma *questão-invólucro*. Retirado o invólucro surge a dupla questão nodal:

Qual o futuro do corpo e do pensamento humano?

Filosofia é filosofiativa

Por outro lado, transborda de tudo isso um fato *onto-lógico*: só há Filosofia *se há vida*. As filosofias mais abstratas ou as mais idealistas partem da vida; mesmo que seus seguidores considerem, teoricamente, a vida uma *punta caeca conceitual*. Descartes, por exemplo, parte da dúvida sistemática da vida material e mesmo da vida do seu pensamento, para fundamentar e universalizar a vida do Pensamento. *Cogito, ergo sum* - o ato de pensar em si já é uma manifestação irrecusável de vida. O lógico parte do significado dos signos na linguagem e suas relações formais, que, na sua imediatidade de prenúncio e de pronúncia, são *mediações inequívocas de manifestações de vida*. Georg "Aufheben" Hegel apreende muito bem essa dialética do existir: "A Idéia *mediata* é a vida", diz ele, com grifos e tudo, na sua *Enciclopédia*. Até a intuição do senso comum parece alcançar essa *necessidade onto-lógica da vida corrente* - tanto da "vida do Pensamento", quanto da "vida da Realidade".

Com efeito, numa das célebres Semanas de Filosofia de Mossoró (vinha gente de todo o Brasil), lá pela década de 80, um violeiro desafiado a tematizar a Filosofia cantou o mote: "A Filosofia não está nos livros da biblioteca, está na massa viva".

Claro que nas bibliotecas estão os *textos de filosofia*. Mas, a Filosofia, ela mesma, como relação vivenciada entre Pensamento e Realidade é processo cultural vivo, contínua germinação ativada pelo trabalho de vivências. *Gesta-se da Vida tornando-se tensão conceitual da História do Homem através do autotrabalho do pensar do Homem*.

Penso que não é por mero acaso que Oswaldo Porchat, pensador brasileiro da USP, após passar por fases iniciais abstraídas da vida - o ceticismo grego e, em seguida, o "realismo metafísico" de Moore - lançou outro dia um livro da sua maturidade filosófica: *Vida Comum e Ceticismo*, no qual defende a integração da Filosofia ao mundo e não a desqualificação deste com a pretensão de se

alcançar a "verdade pura". Há para Porchat uma oposição básica que marca o filosofar: Razão Teórica e Vida Prática. Oposição que constitui a rede de tensões necessárias à Vida Comum do "eu".

Se não cria vida no sentido imediatamente genético, prático e carnal, a Filosofia, entretanto, é catalizadora de esferas objetivas (*ser, conhecer, agir*) da vida comum, através da nervura conceitual do conhecimento que lhe é própria. *Vida comum*, aqui, nada mais é do que base, mediação e consequência, efetivas, da dinâmica social em que se desenvolve a realidade humana, *o crescer* – esse desenvolver conjunto, orgânico, intercorrente, produzido pelo trabalho social. Na concepção marxiana, a velha e boa *práxis*.

O problema então é: conseguir articular esses pontos comuns - *o pensamento e a realidade*. Ou, pelo viés filosófico: *pensamento específico (conceitual) e vida*. Ou, ainda mais preciso, no campo filosófico: articular as múltiplas interrelações de forma e conteúdo que entretecem **a questão do SER, a questão do CONHECER e a questão do AGIR** do Homem em relação à sua corrente instalação individual e social na vida. Por isso, penso que as várias Filosofias possuem, antes de mais nada, um rico potencial gnosiológico que pode e deve estar num constante processo de relação entre si e os demais conhecimentos: processando assim suas contradições num intercâmbio conceitual vivo: trocar figurinhas *inter e transdisciplinares*: enfim, exercitar a dialética do suicídio camusiano, no sentido de *superar o suicídio de si e perpetrar a vida qualitativa como determinidade de todos*.

Ou seja, os filósofos deveriam ter sempre pulsando na base de seus processos intelectuais específicos, de seus sistemas, de seus métodos, de suas aulas, de sua carteirinha profissional, a imanência da ligadura *sócio-onto-lógica* entre Homem e Vida – uma vez que a questão do pensamento é uma questão humana vital. Com isso, pode-se coerentemente articular orientações filosóficas úteis para o mundo do Homem, como indivíduo e como ser social.

Em outras palavras: *pode-se articular a atividade filosófica de "pensar o Pensamento", com a atividade de senso comum e científica de "pensar a Realidade", a fim de que a Filosofia contribua objetivamente com saber efetivo - e não com uma simples amizade desinteressada do saber - para o desenvolvimento da Vida Comum da humanidade*.

Isso nada mais é do que contribuir para a relação efetiva e harmônica entre o Homem e a Natureza; relação essa mediada pelo trabalho social do Homem. Isso nada mais é do que articular a especificidade do Pensamento Filosófico e a Vida no sentido de orientar criticamente a ação humana por entre as relações sociais contraditórias - *para objetivamente superá-las*.

Esse, o sentido pleno, profundo, prático, atualizador, educativo e humano da Filosofia.

Filosofia é práxis. Ou, como eu a chamo em nosso idioma - é **filosofiativa**.

Ecce punctum.

Navegar é preciso, filosofar é im-preciso

Filosofia é vida.

Não vida passiva, estagnada, imóvel. Não esse avestruz de cabeça enterrada numa montoeira de *cogitatio, meditatio, contemplatio, e demais ataraxias esquizóides diversas edivertidas*. Não esse panorama "egossófico" de eruditos narcisistas especializados em *delikatessen* temáticas que não levam a lugar nenhum, a não ser às turvas profundezas protocolares de um famigerado "mito de qualidade acadêmica" da pesquisa, apanágio da genialidade medíocre.

Não e não!, a essa passividade filosófica, a essa crônica falta de imaginação. Não, a essa falta de vôo, a essa discriminação de criar sonhos no rastro dos conceitos e de criar conceitos no rastro de sonhos. Já é tempo da "filosofia do avestruz" desenterrar a cabeça e *participar* desse inacabar de horizontes que é a própria *vida*.

Dizer que Filosofia é Vida, significa dizer que ela é - no processo sintetizador de suas próprias contradições internas e, ao lado dos outros conhecimentos - *um ativo e necessário instrumento articulador de todo o Pensamento e de toda a Realidade*. Aliás, instrumento muito específico pois é produzido pelo sentir e pelo mental *humano* – instrumento, pois, (não resisto ao trocadilho) "*senti-mental*".

Dizer, enfim, que Filosofia é Vida significa que ela é *Filosofiativa*: i.é, um instrumento humano, articulador, crítico, dinâmico, que não só apreende as *verdades-conceituais-em-processo-no-mundo*, mas *orienta* as aplicações dessas verdades nas *transformações necessárias* à construção da Vida Comum do Homem - *inacabável tarefa e sonho* de todas as gerações. Nesse sentido,

toda a perspectiva filosófica, mesmo a do avestruz, é um pedaço importante da inserção do Homem no Mundo. Não como parte única ou eclética, mas como *desenvolvimento articulado de um todo*.

Por tudo isso, é tempo de superar-se o feudalismo filosófico, esses latifúndios de verdades plasmadas na *mímesis*, nos dogmas, no onamismo espiritual, no vôo de sapo. É tempo daquele americano esquisito que caminha pelas praias ensolaradas todo enroupado criar coragem e esfregar sua pele na pele do mundo. É preciso, portanto, resgatar a *base-Vida* que se manifesta, quer se queira, quer não se queira, na "razão" entre Pensamento e Realidade, na ação recíproca e integrada entre Homem e Natureza.

Nós, os atuais, filósofos de carteirinha e título eleitoral, que vamos inaugurar um novo milênio, temos um riquíssimo acervo filosófico e uma consciência crítica suficientemente amadurecida. Por isso é que temos uma funda responsabilidade sobre o *Homem e sobre a Natureza* - não só nos seus belos ou exóticos fragmentos - mas no seu todo conjuntado e em movimento, nas suas conexões radiculares, nas suas contradições necessárias, no seu impulso íntimo e social de liberdade e convivência.

Filosofia é vida. *Vida mentalvisceral conceitualizada*.

Nesse sentido, o fazer filosófico é, atavicamente, fazer a vida penetrada de pensamento humano e fazer o pensamento penetrado de vida humana, *continuamente, ilimitadamente*. Afinal de contas, filosofar uma filosofia é refletir e participar de uma experiência única, histórica, *deviver convivendo* a *net*social humana em carne, osso e esperanças firmes de concretizar nossos sonhos e desejos, *nossa liberdade*. É, no mesmo passo, o linguajar racional desse encontro contínuo e inalcançável do finito e do infinito que há em nós e fora de nós. "A decisão de filosofar – diz Hegel – lança-se puramente no pensar, lança-se como num oceano sem margens".

O filósofo é, permanentemente, o último dos grandes navegadores. Navega o *oceano sem margens* do pensamento. É preciso enfrentar, cotidianamente, esse oceano, suas correntes, icebergs, seus mistérios e perigos. Esse oceano sem sentido, sem referências, absurdo. É preciso continuar essa tarefa inesgotável de Sísifo marujo – redescobrir, a cada viagem, a cada horizonte da histórica, *a nova derrota* que leva a esse continente móvel das gerações, esse continente humano dos sonhos, da razão e da liberdade. *Cada nova derrota descoberta, cada nova vitória*.

Navegar é preciso, filosofar é im-preciso.

Praia de Pirangi do Norte, Natal, RN

Janeiro de 2001

* Ruben G Nunes é prof. do Dep.Fil. da UFRN; Mestre em Filosofia Política/UNICAMP; Doutorando em Filosofia da Educação/UNICAMP.